EDITORIAL

A VIOLÊNCIA E A ESPERANÇA

O historiador Eric Hobsbawm alertava: “Não sabemos aonde vamos, somente que a história nos levou até este ponto [...] Sem dúvida, uma coisa está clara: se a humanidade tem que ter um futuro, não será prolongando o passado ou o presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio sobre estas bases, fracassaremos¹”. Neste sentido, o mundo viveu nos últimos meses duas perspectivas diferentes. A primeira, o aumento da violência, tanto entre povos, nações e culturas como a violência urbana e rural brasileira, representantes da continuidade do passado, baseado na exploração do trabalho humano e na produção para o mercado. A Segunda, do Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, no mês de janeiro desse corrente ano, articulação que pode representar um importante instrumento para a construção de novas relações sociais e a emancipação dos povos.

No mundo atual, onde permanecem as mazelas do passado e do presente, vivenciamos uma nova onda de violência. No plano internacional, as nações capitalistas hegemônicas, articuladas em torno da OTAN, bombardeiam países subordinados, como o Iraque e o Afeganistão, sob o pretexto de combater o terrorismo. No plano interno, as sociedades, como a brasileira, cobram medidas para conter a onda de violência, pedindo um Estado mais policial.

Sem dúvida, vivemos momentos de angústia. A violência atingiu países que, até então, pareciam invulneráveis, como os Estados Unidos da América, que sentiu na própria carne os efeitos da situação de opressão e exploração criada pelos próprios setores dominantes daquele país sobre os outros povos. No Brasil, pessoas de destaque também foram vitimadas. Estas mortes absurdas, como a do prefeito de Santo André –SP-, Celso Daniel e do prefeito de Campinas –SP-, Antonio da Costa Santos, ambos do PT, receberam destaque na mídia, pois ultrapassaram os muros sociais e geográficos que escondem a onda de vitimação e de chacina de milhares de pessoas pobres habitantes das periferias urbanas e dos campos onde a luta pela terra e pela dignidade do trabalho se faz presente.

A realidade não poderia ser diferente. Num mundo onde, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD),

¹ HOBBSAWM, Eric. *História del siglo XX*. Barcelona: Crítica, 1995.

têmos 1,3 bilhão de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza e 1 bilhão de pessoas estão desempregadas ou subempregadas, conforme dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a violência encontra terreno fértil para se desenvolver. Esta situação chega a beirar o absurdo quando a ONU divulga que as 225 pessoas mais ricas do mundo acumulam uma riqueza equivalente ao conjunto dos recursos disponibilizados aos 2,5 bilhões mais pobres².

Não podemos esquecer que a produção e reprodução capitalistas conhecem um incremento nas guerras. São irmãs siamesas. Para sua reprodução econômica, o grande capital estimula a fabricação e o comércio de armas. Cresce, também, o tráfico de drogas, estimulado pela transformação deste produto em mercadoria valorizada no mercado, trazendo o crescimento do trabalho informal, agravado pelo uso de crianças nestas atividades. Crescem, também, os delitos, praticados por gangues de marginalizados ou por gangues do colarinho branco. É o círculo vicioso do capitalismo, gerando desemprego, pobreza, riqueza concentrada, sonhos direcionados ao consumo e à mercadoria. É o ciclo da violência instaurada.

Numa análise mais específica, observaremos que o capitalismo reforça o individualismo e o desejo de consumo. Faz parte de sua base de produção e reprodução econômica, de sua ideologia e de cultura. Marx, ao longo de sua obra, demonstrou como o capitalismo tudo transforma em mercadoria, inclusive o trabalho humano, trazendo, como consequência, a valorização do mundo "das coisas" em detrimento da humanização das relações sociais e dos indivíduos: "para transformar dinheiro em capital tem o possuidor do dinheiro de encontrar o trabalhador livre no mercado de mercadorias"³. O simbólico humano é reduzido a este reino, fazendo com que o ser humano, ontologicamente desejante, canalize seu desejo para o mundo da mercadoria. O capitalismo consegue socializar os sonhos do consumo, apesar de privatizar a sua realização.

O trabalho humano, que medeia nossa relação com a natureza, sendo parte fundamental de nossa humanização, torna-se, também, um objeto a ser negociado no mercado. Torna-se objeto de compra e venda. Neste sentido, as relações sociais atuais, consubstanciadas pelo sistema capitalista, arrancam e roubam parte de nossa essência humana, pois a alienação

² Publicado no jornal *El País*, de Madrid e reproduzido, entre outros, pelo jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte, em 10 de setembro de 1998.

³ MARX, Karl. *O Capital*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d, p.189.

originada dessas relações impossibilitam que o trabalho e a produção do mundo material e espiritual sejam direcionados no sentido do engrandecimento do gênero humano.

Para a sua reprodução, o capital explora a mais valia, especialmente da força de trabalho capaz de maior valorização e “joga para o exército industrial de reserva” os sujeitos cuja força de trabalho oferece menor vantagem competitiva. O círculo se completa, passa da esfera da produção para a esfera da distribuição: o capitalismo pressiona o ser humano para o mercado, para o mundo do consumo mesmo que supérfluo, mas o faz retirando de grande parte dos que vendem sua força de trabalho o direito a esse comércio, deixando-a jogada ao desemprego e à inatividade. Ou seja, tolhe o homem na sua condição de produtor, de seu meio de consumo, ou mesmo no direito à sua sobrevivência, mesmo que mínima, agredindo sua natureza humana afastando-o de sua atividade vital, ou seja, o trabalho. Neste cenário, o ser humano desenvolve, individualmente ou através da organização de redes ou grupos, outras estratégias, muitas não legitimadas socialmente, de sobrevivência ou de inserção no mundo da produção e do consumo, para o qual ele é estimulado. E, muitas vezes, estas estratégias implicam em ações violentas num mundo onde o sentido do social e humano cede espaço, cada vez mais, para a apropriação individual e a cultura individualista.

Torna-se claro que o problema da desigualdade social não pode ser equacionado sob o capitalismo. Vivemos em um mundo onde, em todos os lugares, com graus diferenciados, existem parcelas de “primeiro mundo” e de “terceiro mundo”. Esta desigualdade, agravada pelo neoliberalismo, cobra o alto preço da insegurança, fazendo com que fortalezas sejam criadas, sejam sobre carros ou casas, com blindagem e equipamentos sofisticados de segurança.

Diante deste quadro, não temos mais justificativas éticas nem morais para querer prolongar o passado ou manter o presente. São as próprias relações sociais, econômicas e culturais da sociedade capitalista que geram a violência; elas mesmas não mais se sustentam, pois a violência que criam levam à sua autodestruição. Precisamos, urgentemente, rever nossos rumos, olharmos e transformarmos o processo civilizatório no qual estamos imersos e ver que “um outro mundo é possível” em bases mais igualitárias. Precisamos subir um degrau na história, emancipar-nos, para que a violência social faça parte apenas de nosso passado.

Por outro lado, a esperança renasce. Diante de um quadro, onde parecia que a exclusão era um processo natural, aqueles que vivem de seu trabalho começaram a reagir, reunindo entre os dias 31 de janeiro a 05 de fevereiro, cerca de 15.000 delegados e 35.000 ouvintes, representando 5.000 organizações da sociedade civil de mais de 130 países no IIº Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Os contraprojetos, as contra-ideologias e as contraposições começam a surgir das contradições do próprio sistema. Ainda que de modo disperso, pessoas, movimentos e organizações começam a questionar o "status-quo". Neste sentido, a inércia inicial dos movimentos populares começa a ceder espaços para algumas ações concretas. Pessoas e movimentos sociais descontentes com os rumos do capitalismo começam a manifestar-se.

O Fórum Social Mundial debateu uma nova globalização, um novo internacionalismo, mas bem diferente daquele apresentado pelo capitalismo. Não mais a idolatria do dinheiro e do mercado, mas a preocupação social, a democracia participativa e o respeito à natureza, apresentando uma nova forma de fazer política: sindicatos, movimentos sociais, partidos políticos, movimentos religiosos e ecológicos unidos para protestar contra a mundialização capitalista e o neoliberalismo e buscar alternativas conjuntas. A união destes setores mostrou ser possível debater uma nova ética social, crítica à competição exacerbada e do mundo transformado em "mercadoria", motivo de tanta violência em tão larga escala.

Apesar disto, sabemos dos limites deste Fórum. O poder do capital é gigantesco. Os poderosos continuam poderosos e o FMI e o Banco Mundial parecem inabaláveis. Neste sentido, os debates do Fórum devem ser estendidos a todas as associações, sindicatos, partidos, igrejas, movimentos sociais, universidades e escolas, grupos e pessoas que se preocupam com a construção de um mundo mais justo. Só assim faremos com que a esperança, tão escondida nestes tempos neoliberais, volte a brilhar e iluminar caminhos para que um novo mundo seja possível.

Neste quadro, como inserir a educação de forma crítica e criativa nestes debates atuais? Temos de ter consciência de que estas questões não podem ser situadas apenas no campo educativo. Existe uma complexidade de fatores e a educação deve ser problematizada neste contexto, e não simplesmente ser mostrada como uma solução. Mas algumas questões podem e devem ser buscadas. Os educadores devem considerar esta situação atual e não procurar soluções apenas endógenas à escola. Neste sentido, a relação trabalho/educação deve ser salientada, buscando uma formação

crítica que, ao mesmo tempo, discuta o processo de transformação material e simbólico da sociedade, compreendendo o significado do trabalho humano nas relações sociais, possibilitando a criação de relações sociais e subjetivas mais solidárias e menos violentas. Que das lições do passado e do presente possamos construir um novo mundo, acreditamos ser possível!

Belo Horizonte, 02 de abril de 2002.

Antonio Julio de Menezes Neto
Professor NETE/FAE/UFMG